

## **O Almanaque do Globo: O seu Processo Didático e Literário em meio a Propagação da Indústria Cultural no Rio Grande do Sul (1917 – 1933)<sup>1</sup>**

André Rodrigues da SILVA<sup>2</sup>

Eduardo ARRIADA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### **Resumo**

O processo editorial no Brasil potencializou-se, essencialmente, no Rio Grande do Sul, a partir da criação da *Livraria do Globo* (1883). Buscou-se construir, portanto, uma janela que pudesse conectar, em meio ao processo de industrialização do Brasil, principalmente entre os anos 20 e 30, o leitor e a propagação de cultura através, principalmente, da criação do *Almanaque do Globo* (1917). Portanto, o presente artigo busca evidenciar de que forma se deu o elo entre o leitor e o material didático, como também, sobre o regionalismo rio-grandense, que fora promovido através das 6 primeiras edições do *Almanaque do Globo* (1917-1922), exemplificando a maneira que se encaminhou a relação entre a cultura popular e a literatura erudita frente ao processo de industrialização cultural (ADORNO, 1985) no estado do Rio Grande do Sul.

### **Palavras-chave**

Editora Globo; Almanques; Indústria Cultural; Cultura de Massa; Educação.

### **“Urbi et Orbi!”: Da cidade (Porto Alegre) para o mundo**

Em todo processo histórico que acompanhou o surgimento da Livraria do Globo, em 1883, e o seu desfecho no Rio Grande do Sul no ano de 1956 ao se tornar sociedade anônima, um vasto campo editorial fora alcançado, onde inúmeros projetos foram realizados e que servem, até os dias de hoje, como um vasto material de pesquisa de memória, história e cultura.

No ano de 1883, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, surgiria a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o DT 08 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 15 de junho a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante do 1º semestre no Mestrado Acadêmico em Educação na Faculdade de Educação pela Universidade Federal de Pelotas, UFPel, e-mail: andresilva537@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor no Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, UFPel, e-mail: earriada@hotmail.com.

---

Livraria do Globo, que ficaria sob os cuidados de Laudelino Pinheiro Barcellos e Saturnino Alves Pinto, ambos sócios da empresa L. P. Barcellos & Cia. A criação de uma livraria que, ocasionalmente, iria acompanhar o surgimento da Editora Globo no estado, obtinha como proposta inicial a tipografia e, alguns anos mais tarde, no ano de 1909, consolidou-se no mercado Rio-Grandense e brasileiro após a obtenção de linotipos<sup>4</sup> a fim de realizar publicações de livros didáticos e literários.

Tal consolidação no Rio Grande do Sul ocorreu devido ao fato da necessidade que havia em procurar, através dos veículos de comunicação, e sabendo do alto potencial de interesse literário que o público carregava dentro de si, maneiras didáticas de instruir estes leitores a um interesse cada vez mais popular, porém, que fosse transmitido através do erudito, ou seja, o alto nível que capacitava estes incentivadores de cultura potencializa a divulgação de livros e projetos que iriam viabilizar e incentivar o conhecimento ou, a busca de, por partes que ainda não o buscavam por falta do interesse na arte literária ou, também, ainda que não ocorresse a eles a oportunidade destes entrarem em um novo campo de estudo e compreensão da teoria literária<sup>5</sup>.

Um texto vive como texto literário tão somente nessas constelações acionais sociais concretas em sistemas históricos definidos por determinados processos de socialização e de determinadas necessidades, capacidades cognitivas, sentimentos, intenções e motivações gerais e, ainda, por condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais que correspondem aos ‘sistemas de pressupostos’ de sua ação. Agentes o julgam e lhe atribuem sentido em função destas articulações (OLINTO, 1989, p.30)

A Livraria do Globo, como editora, fortaleceria a cultura industrial e acabaria se tornando uma grande difusora de projetos artísticos e literários, devido a grande diversidade de produtos que a Livraria possuía. Almejando um maior crescimento, sem contar o progresso ligeiro em meio a industrialização que a Livraria do Globo estava passando como, por exemplo, a substituição do trabalho tipográfico manual por uma

---

<sup>4</sup> Máquina inventada na Alemanha, no ano de 1886, por Ottmar Mergenthaler, composta essencialmente por um teclado, serviram para impulsionar a Livraria do Globo na produção de livros, revistas e afins.

<sup>5</sup> É um gênero literário capaz de capacitar o sujeito a argumentação filosófica sobre um texto literário a fim de investigar, através de uma criticidade, a história do texto literário, como também, o autor, a narrativa como também, o contexto da obra.

---

máquina de compor elétrica, acabou por incentivar a criação do seu grande primeiro empreendimento, o Almanaque do Globo (1917), tendo como principais organizadores João Pinto da Silva e Mansueto Bernardi.

A grande demanda de produção editorial fez com que o Almanaque se tornasse um bem cultural para a região, diversificando o seu conteúdo não só ao povo da elite em meio ao processo industrial e político que absorvia um certo tipo de cultura na região, mas também, a popularização cada vez mais voltada a cultura e reestruturação da sociabilidade entre os indivíduos, alimentando a construção não só didática, como também, de uma sociedade cada vez mais pensante sobre o elo entre o urbano e o industrial, o erudito e o popular.

Segundo Torresini (1999) a convivência entre os principais escritores literários emergiu, na década de 20, através da relação entre os veículos de comunicação, principalmente o impresso, e a propagação da cena literária em Porto Alegre. Com isso, houve o crescimento de outros Almanaques, casas de edição, por exemplo, muito por conta do potencial gerado através do veículo do jornal impresso. O mercado impresso como incentivador da propagação do Almanaque do Globo se intensifica a partir do ano de 1926, quando o jornal Correio do Povo passa a realizar anúncios nos seus jornais.

Em 1927, surgem os primeiros anúncios pagos pela editora, cuja marca é um repetido elogio ao trabalho de edição [...] O Diário de Notícias também publica importantes notas relativas à atividade editorial da Livraria do Globo. O mercado editorial rio-grandense depende quase que exclusivamente de seus prelos, dependência proveitosa, no entender do Diário.” (TORRESINI, 1999, p.57)

Com o crescimento da livraria do Globo, já no ano de 1931, Mansueto Bernardi transferiu-se para o Rio de Janeiro para dirigir a Casa da Moeda, a pedido de Getúlio Vargas. Tal medida fez com que Henrique Bertaso, filho de José Bertaso, que substituirá Mansueto nas funções de chefe da seção Editora, provocasse mais uma inovação no processo administrativo da empresa.

Um ano antes, Érico Veríssimo, que estava mudando-se para Porto Alegre, começa a assumir a parte de traduções de textos e artigos estrangeiros, mas procurando

---

desenvolver, dentro da Revista do Globo<sup>6</sup>, um projeto ainda mais audacioso que iria promover a literatura em uma revista que era, no seu início, uma revista praticamente destinada ao entretenimento.

Dentre as mudanças que irão afetar a definição social do trabalho intelectual na conjuntura dos anos 30 e 40, a mais importante delas refere-se [...] à possibilidade que encontram alguns escritores de dedicar-se à produção literária enquanto sua principal atividade profissional (MICELI, 1979, p.121)

A sua intenção, junto de Henrique Bertaso, era a de intensificar o processo literário da língua estrangeira, modernizando a editora e provocando uma cultura literária no público que consumia as publicações que os projetos eram encaminhados a este mesmo público, além de provocar no seu anseio literário, uma mudança que fosse além das publicações exigidas para com a Revista do Globo.

Com isso, coleções foram lançadas através do anúncio da Revista do Globo, com um apanhado de autores desconhecidos do país, da clássica literatura mundial, especializados em livros de crime, aventura e romance, destinados a cultura popular e tornando-os conhecidos para o público. Inúmeros projetos, portanto, surgiram intensificando um papel literário no Rio Grande do Sul que fora deixado nos tempos do surgimento do Almanaque do Globo, por João da Silva Pinto e Mansueto Bernardi, entre os mais importantes estão: Coleção Amarela, de forte apelo popular, tendo como principais autores Edgar Wallace e Agatha Christie; Coleção Globo, composta de obras literárias: romances de aventuras, amor, mistério e crime; Coleção Universo; Coleção Nobel, com traduções de obras literárias consagradas pela crítica; Coleção Biblioteca dos Séculos, que publicava os escritores do passado; Coleção Catavento, entre outros.

### **O crescimento cultural do Almanaque do Globo no Rio Grande do Sul**

No ano de 1917 se buscou criar, portanto, após inúmeras investidas

---

<sup>6</sup> A Revista do Globo foi um periódico que buscava o entretenimento do público, porém, após 1931, o conteúdo da revista iria se intensificar no âmbito literário, através dos anseios de José Bertaso. A Revista circulou de 5 de janeiro de 1929 até 17 de fevereiro de 1967, contando 941 fascículos e dois números especiais: um sobre a Revolução de 30 e outro sobre a grande enchente de 1941, totalizando 943 fascículos.

mercadológicas através dos incansáveis Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva, mais um empreendimento que iria almejar, com um alcance referente ao mais diversificado público, o ensino e uma nova roupagem para a divulgação dos trabalhos editoriais da Livraria do Globo no Rio Grande do Sul.

O Almanaque, portanto, qualquer Almanaque, é um livro útil. É uma espécie de leader, impessoal e honesto, de nós todos...Ora, mesmo obediente ao princípio restricto e, não raro, mesquinho, da utilidade immediata das coisas, ninguém nos poderá negar, logicamente, o seu apoio, - apoio com que contamos, de ante-mão, para tornar effectivas as nossas promessas, tão modestas quanto sinceras e práticas (ALMANAQUE DO GLOBO, 1917, p. 5)

No Rio Grande do Sul, por mais que houvesse e estivesse acontecendo, ao seu tempo histórico, inúmeras edições de outros almanaques e fazendo com que ainda existisse a distribuição através dos editoriais que aqui no estado transitavam para o povo, os olhares atentos de Laudelino Barcellos e da organização de Bernardi e Silva, tornaram o empreendimento da Livraria do Globo ainda maior dentro do estado por meio da criação do Almanaque do Globo (1917). Se buscava por uma democratização da cultura, ainda que a passos curtos, porém, o objetivo principal do Almanaque do Globo seria o de ocupar a vida do cidadão com um vasto aprendizado literário, indo além das características que denominavam os Almanaques do século XIX e XX como simplesmente livros de bolso.

Os Almanaques, assim como por exemplo o Almanaque Garnier (1914), seriam fonte de fortalecimento de “condições sociais, culturais e técnicas – traduzidas por políticas voltadas à escolarização e instalações de livrarias e tipografias” (DUTRA, 2005, p.478) se tornando cada vez mais um plano principal para, não só os seus leitores obterem compreensão reflexiva sobre o mundo, como também, a política e os assuntos em geral iriam se tornar ainda mais importantes devido ao processo progressivo de industrialização que o Brasil passava, principalmente, no início do século XX.

Atendo-se rapidamente ao processo de industrialização do Rio grande do Sul, sabe-se que o estado foi um grande centro de exportação com relação ao campo da pecuária, couros e charque fazendo com que, entre os anos 30 e 45 do século XX, fosse desenvolvido seu modo próprio de acumular riquezas. A atividade da pecuária

(MULLER, 1979) estava ligada diretamente a sua exportação e as mesmas atividades estavam centradas em um modelo de produção baseado em seus principais produtores com representatividade histórica para o estado, fazendo com que assim a sua produção fosse, até mesmo, além do mercado nacional.

O processo de produção no estado sofreu com relação ao método de trabalho e ao processo industrial que levantaria discussões sobre a maneira pela qual se propagava a cultura e de que forma a mesma seria vendida ao público de massa (ADORNO, 1985), porém, mais do que isso, tratando-se do campo didático e literário, o processo com relação a comunicação e a sua atribuição para a distribuição, principalmente dos Almanques, obtinham como desejo de seus editores a manutenção do trabalho textual oferecido e o acompanhamento daquele público que iria consumir este produto. A intenção do Almanque do Globo (ALMANAQUE DO GLOBO, 1917), por exemplo, era a de representar a história do estado, seja na produção científica, ou artística, das causas e cravar os almanques como essenciais aos estudos sobre a história que eles contam.

Compreendendo o estudo mais detalhado das edições anuais do Almanque do Globo, a partir das 6 primeiras edições obtidas através do CEDOC UFPel<sup>7</sup> para fins de construção deste artigo, podemos acompanhar o processo de construção do Almanque do Globo, como a capa, direção, conteúdo, proposta, expansão de mercado e de que forma se desenvolvia a sua publicidade.

Como fora dito anteriormente, o processo do impresso pela Livraria do Globo teve seu início no ano de 1909, após a obtenção de linotipos para a produção, preferencialmente, de livros escolares de literatura, além de crônicas e poesias que, por sinal, eram financiadas pelos autores. Por conta disso, a produção aumentou e, conseqüentemente, filiais começaram a se expandir pelo estado do Rio Grande do Sul. Segundo a abordagem feita com relação aos 6 primeiros números do Almanque do Globo (1917 – 1922), o processo migratório do Almanque para outras regiões se deu de tal forma:

---

<sup>7</sup> Centro de Documentação(Cedoc) do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) da Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

Tabela I - Filiais no Rio Grande do Sul

Ano	Número de Filiais	Cidades
1917	2	Santa Maria e Cruz Alta
1918	2	Santa Maria e Cruz Alta
1919	3	Santa Maria, Cruz Alta e Uruguaiana
1920	3	Santa Maria, Cruz Alta e Uruguaiana
1921	4	Santa Maria, Cruz Alta, Uruguaiana e Pelotas
1922	4	Santa Maria, Cruz Alta, Uruguaiana e Pelotas

Fonte: Almanaque do Globo (1917 - 1922)

A expansão demonstrada na tabela acima indica que o processo de transição entre essas cidades, a fim de potencializar a distribuição do Almanaque, se dá, principalmente, devido a produção que sempre houve nessas regiões, não só de Almanaques, como o Almanach Popular Brasileiro (1894 – 1908), em Pelotas, mas também o de promover ainda mais os próprios autores literários que ajudavam na construção do Almanaque do Globo, como Alceu de Freitas Wamasy, de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul.

Não só a distribuição do Almanaque do Globo, como também, da Livraria do Globo iria aumentar o seu leque de produção e melhorias na parte textual e gráfica. João Fahrion e Karl Ernst Zeuner foram os principais ilustradores que a Livraria do Globo contratou para alavancar a seção de design gráfico, coordenada pelo próprio alemão Zeuner, o qual contribuiu para o crescimento do design dentro do próprio Almanaque do Globo e dos projetos lançados pela Livraria do Globo.



Figura 1 - Primeiras edições do Almanaque do Globo (1917 - 1922)

Com a mudança na parte gráfica da Livraria do Globo, acabaria por vir, também, uma mudança na direção que, conseqüentemente, modificaria ou, iria modernizar ainda mais a estrutura textual que compunha os Almanques do Globo. Coordenada pelo incentivador e criador da Livraria do Globo, Laudelino Barcellos, o mesmo passa, poucos anos antes da sua morte, a direção da Livraria do Globo para José Bertaso. Com a morte de Barcellos (1917), a razão social *L.P Barcellos & C.*, nome que constava nas capas do Almanaque do Globo, por exemplo, passa a se chamar *Bertaso, Barcellos & C.*, em um processo transitório entre os anos de 1918 e 1919, como demonstrada na imagem abaixo:



Figura 2 - Mudança no design das capas do Almanaque do Globo (1918 - 1919)

A mudança na direção, agora sob responsabilidade do dedicado José Bertaso, pode ser reconhecida, principalmente, pelo acréscimo literário que houvera nas próximas edições do Almanaque, que contava além da sua direção, com o apoio de Mansueto Bernardi que, posteriormente, iria dirigir, junto a Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, a Revista do Globo (1929 – 1967).

O periódico vai colocar seus leitores diretamente em contato com a vida, a atualidade, a informação, aliando a moral, à utilidade prática e o saber ao divertimento, pela difusão de princípios morais, educativos e técnicos. Literatura voltada para o intuito, a um só tempo, de ensinar “verdades”, ser útil e fornecer distração, os almanaques se classificam em enciclopédias, políticos, literários, técnicos, informativos, históricos, recreativos [...] direcionados às famílias, às senhoras, aos artistas, aos bombeiros, aos operários etc. (DUTRA, 2005, p.481)

Com notoriedade, o Almanaque do Globo passa a transmitir, não somente os guias do contribuinte, ritos religiosos, além do conteúdo literário, mas a partir da edição de 1919, o Almanaque do Globo começa a repercutir no estado tendo em vista seções especializadas em contar a história do Rio Grande do Sul, com fatos e fotos dos principais responsáveis pela construção do Estado, além de crônicas, crítica literária e memória.

Estas mudanças começam a se caracterizar, junto ao processo de industrialização da cultura e a produção de conteúdo, como negócio de venda e ofertando procura no estado para o consumo, um contraponto, de certa forma, aos processos de alienação “cultural”, onde se percebe que, assim como fora citado anteriormente, os Almanques (DUTRA, 2005) destinam o seu conteúdo, através da construção não tão somente pelos diretores desses Almanques mas, sem dúvida, com a contribuição de escritores e do público não só da capital, mas essencialmente do interior do estado do Rio Grande do Sul que, com as filiais sendo instauradas naquelas localidades, o conhecimento, o interesse e a procura desse tipo de público acompanharia a divulgação dos escritores daquelas regiões, oferecendo, além do conhecimento, trabalho para aqueles que procuravam um espaço onde o “papel de escritor ainda não era conhecido no Brasil” (TORRESINI, 1999, p.67).

### **A Industrialização Cultural no Rio Grande do Sul e a Educação do Almanaque do Globo**

O processo transitório que o Brasil estava passando, seja pelo movimento migratório dos estrangeiros no país ou pelo crescimento da exportação do produto brasileiro para os países do exterior, investiga uma característica essencial para com a distribuição dos Almanques ou de toda produção que era planejada pela Livraria do Globo. A produção era, até certo momento, destinada ao público que queria consumir e conhecer a cultura literária do seu estado, assim como autores conhecidos nacionalmente no âmbito literário, seja no Brasil ou no exterior, principalmente em Portugal.

O conceito acerca da indústria Cultural (ADORNO, 1985) surgiria para dar subsídios às discussões sobre a apropriação do mercado sobre a cultura popular, colocando-a em um processo mercadológico de venda em massa a um público que, conseqüentemente, através do modelo da repetição, vai querer consumir aquele produto. A descaracterização dos produtos foi-se agravando conforme a sua produção, do qual não se tem uma manutenção a ponto de dar mais diversidade e uniformidade para

aquilo, muito menos pluralidade, mas sim, continua por construir modelos repetitivos formados em cima de projetos prontos, pré estabelecidos e que tão somente são alvos de apropriação e subversão, como o público, por exemplo.

Com isso, os Almanques, não essencialmente o do Globo, mas os principais Almanques que surgiram entre o século XVIII e início do XX, procuraram caminhar contra a corrente da alienação e do aprisionamento cultural frente ao uso frenético dos meios de comunicação que a época propiciava para a divulgação de conteúdo para a sociedade. Isso tudo foi discutido tendo em vista o crescimento, a partir do século XIX, entre os anos de 1880 e 1900, do cinema e do rádio.

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear [...] seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa ao público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade é de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. (ADORNO, 1985, p.114)

Porém, obstante ao processo da discussão sobre a indústria cultural, diferente dos processos mercadológicos referente a venda de um produto ao não consumidor de um determinado produto, a produção se forma ainda em um processo que vai além do tão somente almejo em gerar lucro e alienação através da opressão constante do mercado em cima do consumidor. A produção dos Almanques se equivalem tão somente ao processo do campo de produção erudita (BOURDIEU, 2007) quanto ao popular, enquanto esteja fora do que fora vendido como publicidade ao público de massa. O popular aqui se compreende enquanto cultura destinada ao povo que queira e que busque consumir a cultura erudita transpassada, através dos Almanques, por meio do conhecimento literário ou, no caso da Livraria do Globo, materiais didáticos.

Ao contrário do sistema da indústria cultural que obedece a lei da concorrência para a conquista do maior mercado possível, o campo da produção erudita tende a produzir ele mesmo as suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são, ao mesmo tempo, cliente privilegiados e concorrentes. É a partir desse princípio que se

---

pode compreender não somente as relações entre o campo de produção erudita e o “grande público” e a representação que os intelectuais ou os artistas possuem desta relação, mas também o funcionamento do campo, da lógica de suas transformações, a estrutura das obras que produz e a lógica da sua sucessão. (BOURDIEU, 2007, p.105)

Portanto, se começa a compreender, ou, tentar discutir, que tipo de sujeito então se constrói ao mesmo tempo que o mesmo é corrompido pela indústria, principalmente quando se percebe uma educação que procura seu espaço de democratização, porém, ao mesmo tempo que a própria cultura popular decai, fazendo com que cada vez mais consiga-se provar o quão importante e, possivelmente, esclarecedor, são as discussões sobre o ser-para-o-mundo (HEIDEGGER, 2012), por mais que a nossa liberdade esteja condicionada a liberdade do outro (CAMUS, 2017), está cada vez mais interligada ao pensamento do ser-para-si (SARTRE, 1978) ou seja, por mais que a indústria cultural busque seu crescimento no campo do mercado interativo, do entretenimento, da publicidade, tem-se no próprio sujeito a busca pela desconectividade para com os meios que o corrompem e, neste caso, a imediata busca pelo conhecimento e pelo saber se demonstra cada vez mais possível, e acessível, ao encontro que se tem entre o sujeito e a busca ainda pelo erudito, e pelo popular, através dos Almanques.

A ideia, portanto, tendo em vista a divulgação para o estudo do Almanaque do Globo, seria a de corromper com a normatização estabelecida em meio ao processo da indústria cultural no país, destinando a sua produção para todo e qualquer tipo de público, como as mulheres, as crianças, jovens e adultos, consolidando não só a literatura para este público, mas, a partir desse processo de transformação na cultura popular e erudita, que se pudesse também operar frente ao processo construtivo da razão, e não da alienação.

### **Considerações Finais**

Por mais que não tenha sido possível, até o presente momento, a obtenção de todas as edições do Almanaque do Globo (1917 – 1933), as 6 primeiras edições (1917 - 1922) obtidas através do CEDOC / CEHIE da Universidade Federal de Pelotas serviram

---

para a construção deste artigo, e também para o início do trabalho no 1º semestre do curso de mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, oferecendo subsídios que iniciam um diálogo referente ao verbete literário, artístico, social e educativo em suas edições que, conseqüentemente, ainda potencializam o processo histórico em meio a discussão de tudo aquilo que busca a formação de educadores, educandos, ou seja, fomentadores que futuramente, através das análises destes objetos de estudo, participam e irão participar do processo educacional no Brasil, principalmente, através dos anseios de grandes escritores literários do Rio Grande do Sul, como Augusto Meyer, Dyonélio Machado, Paulo de Gouvêa, entre outros. O almanaque se constrói, ao longo dos anos que estes permanecem na história da sociedade, como subsídio cultural, erudito e popular para o público que queira consumir cultura e continuar a construir a história deixada por estes Almanques.

A indústria cultural perpassa uma discussão por todas as áreas da indústria que propaga, por meio de diversos meios de comunicação e, principalmente após o crescimento da mídia em meio ao processo da globalização<sup>8</sup> no Brasil, tornando os modelos comunicacionais cada vez mais construtivos ao procurar compreender qual era a necessidade do grande público, porém, ainda se procurava a necessidade, e ainda se procura por mais que haja um crescimento revolucionário na sociedade no século XXI, de uma mídia alternativa ou, até mesmo, por projetos que visassem a construção da sociabilidade, do cognitivo, da intelectualidade do ser humano sem que houvesse uma necessidade mercadológica de impor ao sujeito determinados modelos construídos ou, adaptados, para instruir este mesmo sujeito a tudo aquilo que fora destinado como conteúdo bom, ou ruim, pela grande mídia.

Com isso, a partir do surgimento da livraria do Globo, João Pinto da Silva, Laudelino Barcellos, Érico Veríssimo e José Bertaso são nomes que caracterizaram uma frente dedicada a buscar inserir neste meio social, a cultura do texto e da leitura, do conhecimento, principalmente, da literatura, a fim de promover o almanaque como manual literário, como se fosse uma enciclopédia (TORRESINI, 1999), expandindo seu

---

<sup>8</sup> Por mais que o processo da globalização tenha sido intensificado em meados da década de 1980, pode-se compreender a globalização também como um meio que serviu como base histórica durante o crescimento da discussão sobre a indústria cultural, tendo em vista o acréscimo midiático na sociedade e dos meios de propagar essa mídia.

---

mercado pelo estado, como também pelo país, a fim de destinar o erudito ao seu público, revitalizando o popular, tornando-o aquilo que é necessário para a construção de uma sociedade que busca um bem estável através da educação e da literatura, essencialmente regional, evidenciando que a cultura local pode tornar os cidadãos ainda mais conhecedores dos seus bens e sujeitos cada vez mais instigados a almejar uma democracia educacional e literária visando o bem comum a todos.

### Referências Bibliográficas

**ALMANAQUE DO GLOBO.** Ano I. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1917.

\_\_\_\_\_. Ano II. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1918.

\_\_\_\_\_. Ano III. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1919.

\_\_\_\_\_. Ano IV. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1920.

\_\_\_\_\_. Ano V. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1921.

\_\_\_\_\_. Ano VI. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, 1922.

ABREU, Márcia. **Leitura, História e História da leitura.** Campinas: Mercado de Letras, São Paulo: Fapesp, 2002.

ADORNO, Theodor Ludwig W. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**, com M. Horkheimer. (Trad.) Guido Antonio de Almeida. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.

AMORIM, Sônia Maria. 1999. **Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950).** Porto Alegre/São Paulo, Editora da UFRGS/EDUSP

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.

DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes Literários da República: a história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

IORIS, Fabiana. **Com os olhos no futuro: Urbanização e modernidade no projeto editorial da Revista do Globo (1929 - 1935)**. 2003. 143 f. Tese (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920–1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MULLER, Geraldo. **A Economia Política Gaúcha dos Anos 30 aos 60**. IN: GONZAGA, Sergius & DACANAL, José H. RS: Economia e Política. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.

OLINTO, Heidrun K. (org.). **Ciência da literatura empírica: uma alternativa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

PARK, Margareth B. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1978.

SILVA, João Pinto da. **História literária do Rio Grande do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: Globo, 1924.

TORRESINI, Elizabeth. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40**. Porto Alegre/São Paulo, Editora da UFRGS/EDUSP, 1999.